



12set  
2016



\* José Eduardo  
Brandão Costa

**Engenheiro Agrônomo,  
Especialização em  
Fruticultura Tropical.  
Assessor técnico da  
Comissão Nacional  
de Fruticultura e da  
Comissão Nacional de  
Hortaliças e Flores**

## A Exportação Brasileira de Frutas Frescas: Desafios e Soluções

Por José Eduardo Brandão Costa\*

O fruticultor brasileiro ainda vê o mercado externo como um desafio difícil de ser alcançado. Esta afirmação é verdadeira e, em grande parte, responsável pelo tímido crescimento das exportações brasileiras de frutas frescas nos últimos cinco anos. A verdade é que muitos dos produtores ainda não exportam porque ainda não conseguiram adequar suas propriedades e sua produção às exigências do mercado externo que, diferente do mercado interno, exige garantia de qualidade e adoção de protocolos muitas vezes inacessíveis à grande maioria dos fruticultores.

No processo de exportação de frutas frescas, para cada mercado a ser alcançado exige-se sempre uma certificação ou protocolo que obriga o produtor a atender e adotar boas práticas agrícolas, envolvendo mudanças e adaptações significativas no seu sistema de produção, gestão do meio ambiente, relações trabalhistas, processos de pós-colheita, acondicionamento, dentre outras. O aumento das exportações brasileiras de frutas e derivados está diretamente relacionado à criação de uma cultura exportadora nos produtores. O processo de internacionalização aliado à ampliação de mercados e a um projeto sólido de promoção comercial que destaque as vantagens competitivas das frutas brasileiras, certamente poderá alavancar de vez as exportações deste importante segmento da economia brasileira.

O Brasil, infelizmente, ainda tem uma inserção inexpressiva no mercado mundial, em que pese a enorme potencialidade do país, especialmente nos mercados de frutas frescas e tropicais. Ocupando o terceiro lugar no ranking mundial de produção de frutas frescas, atrás apenas da China e da Índia, o país produz hoje em torno de 45 milhões de toneladas de frutas frescas e exporta aproximadamente 3% deste total.

## Produção X Exportação de frutas frescas (volume)



Fonte: Secex, elaboração CNA/ABRAFRUTAS.

Quando se afirma que o Brasil está longe de onde poderia ou deveria estar na oferta de frutas frescas no mercado mundial é devido ao fato incontestável da importância exercida pela fruticultura na economia brasileira. A potencialidade da fruticultura, especialmente a irrigada, é evidente. A facilidade de produção de diversas espécies de frutas em todas as regiões do país, durante todo o ano, nos dá uma invejável vantagem competitiva no mercado externo.

Merece destaque o desenvolvimento da fruticultura na região Nordeste, especialmente em estados como a Bahia, Ceará e Rio Grande do Norte que, mesmo com as dificuldades climáticas enfrentadas ano após ano, os produtores tem investido com foco no mercado externo. Outro fato importante a ser citado é que a grande maioria destes investimentos, são feitos tanto pelo setor público quanto pela iniciativa privada, viabilizando um desenvolvimento progressivo no perfil dos produtores, das regiões e entorno das áreas de produção, na qualidade das frutas produzidas e na infraestrutura para escoamento da produção destinada ao mercado externo.

O resultado desta parceria público privada pode ser percebido pela elevação do Valor Bruto de Produção (VBP) de frutas na região, que em 2010 atingiu o patamar de R\$ 7,9 bilhões, para um total de R\$ 25,2 bilhões correspondentes ao setor agrícola, deixando o segmento com 31% do valor de toda a agricultura regional naquele ano.

### A inserção das frutas brasileiras no mundo



Já se sabe que o mundo aprecia a qualidade, o sabor e a tropicalidade das frutas brasileiras. E, nestes mercados, é grande a demanda pelos produtos ofertados pelo Brasil. Para se ter uma ideia da demanda mundial por frutas e derivados, basta citar como exemplo os Emirados Árabes, que tiveram crescimento de 27% na importação de frutas frescas e polpas nos últimos anos, mas o produto brasileiro representa apenas 0,04% das compras externas daquele país. Outro

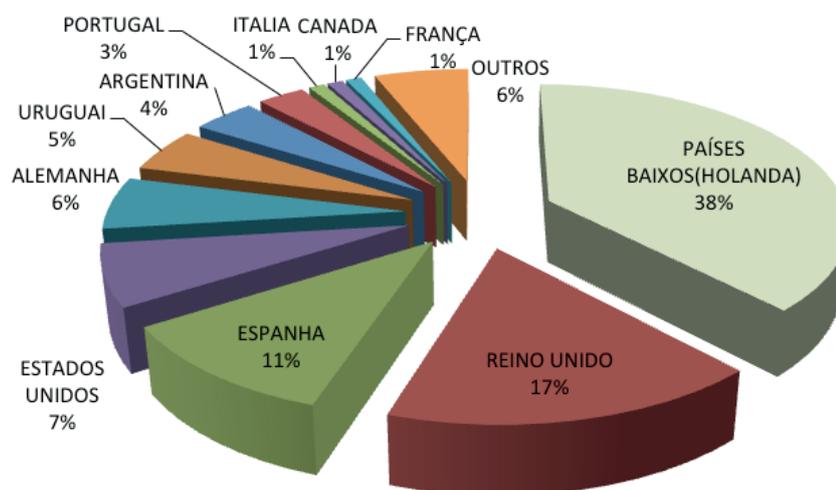
exemplo é o Canadá: importa cerca de US\$ 1 bilhão de frutas frescas por ano, com um crescimento médio de 12,5% nos últimos cinco anos, e o Brasil atualmente participa de apenas 1% desse montante. As frutas brasileiras tem o mercado Europeu como principal destino, hoje mais de 80% do que exportamos são para países da União Europeia.

Apesar de vantajosa para o Brasil, devido a uma menor exigência regulatória do mercado, a concentração na União Europeia traz riscos, uma vez que, as medidas tomadas por um bloco econômico geralmente atinge a todos os países membros fazendo com que o país exportador fique quase sem opções para escoar sua produção. Um exemplo disso está nos impactos sofridos pelo setor após o fim do Sistema Geral de Preferencias da União Europeia (SGP), que oferecia vantagens tarifárias na entrada das frutas brasileiras na Comunidade Europeia e foi extinto no final de 2013. Até então nosso país era o quinto maior beneficiário do SGP Europeu e, a partir de 2014, ficou excluído da lista pelo critério de renda per capita utilizado pelo Banco Mundial.

A retirada dessas vantagens às frutas brasileiras afetou e vem afetando significativamente a competitividade do setor frente aos nossos concorrentes, principalmente os sul-americanos, casos do Chile e Peru, que possuem acordos bilaterais e exportam com tarifa zero ou com uma tarifa muito reduzida em determinadas épocas do ano.

Por este e por outros motivos é que desde 2014 a Apex Brasil, em parceria com a Abrafrutas e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), desenvolve um projeto de promoção bem estruturado incluindo ações pontuais de abertura de novos mercados no exterior. Este conjunto de ações está minimizando as dificuldades que o setor tem enfrentado para aumentar suas exportações nos últimos anos, e o reflexo deste trabalho foi a abertura de mercados na Ásia e Oriente Médio, além do aumento das exportações brasileiras de frutas em 2015, quando, em plena crise econômica, as vendas externas de frutas cresceram 3,8% em valor e 11,4% em volume, quando comparadas ao ano anterior.

#### Exportação de frutas frescas por país de destino 2015 (% valor US\$)



Fonte: Secex/Elaboração CNA/ABRAFRUTAS

#### Barreiras não Tarifárias (BNTs)

Não se pode falar em exportação sem se falar em barreiras. Tanto as barreiras tarifárias como as não tarifárias são responsáveis por entraves à inserção das frutas brasileiras no mercado internacional. Ambos os formatos prejudicam o desempenho das exportações. No entanto, o uso das barreiras tarifárias tem sido cada vez menos frequente, em decorrência dos acordos e negociações multilaterais, havendo simultâneo aumento das barreiras não tarifárias (BNTs). No momento econômico delicado pelo qual passa o país, a exportação vem adquirindo cada vez mais importância para economia brasileira.

A cultura exportadora tem como consequência o desenvolvimento das empresas, uma vez que obriga o produtor a modernizar-se, seja para conquistar novos mercados ou para preservar seu posicionamento no mercado interno. Com isso tem aumentado o interesse dos produtores de frutas em debater e descobrir quais questões podem ser trabalhadas para aumentar as exportações brasileiras do produto, bem como os gargalos existentes que impedem o aumento das vendas externas. Em todos os fóruns aonde o assunto vem sendo discutido, é unânime a informação que as barreiras fitossanitárias são o principal entrave às exportações brasileiras de frutas. As BNTs para frutas brasileiras criam espaços de restrição aos fluxos de comércio das nossas frutas, mesmo quando sob o argumento de serem lícitas. Geralmente as BNTs são justificadas pela presença de doenças nas áreas de produção ou de resíduos de agrotóxicos nos produtos comercializados.

Na prática, as barreiras ao comércio internacional de frutas podem conter exigências legítimas visando a segurança e proteção à saúde do homem, animais e plantas, porém, não raro, o país de destino impõem procedimentos morosos, dispendiosos para a avaliação da conformidade requerida, bem como estabelece regulamentos excessivamente rigorosos para inspeção das frutas, denotado assim, um caráter protecionista. Estas “barreiras comerciais” disfarçadas têm crescido muito nos últimos anos e, devido à perecibilidade das frutas, causado grandes prejuízos aos exportadores.

Além das barreiras tarifárias e não tarifárias, os principais exportadores de frutas frescas e processadas do país indicam ainda como entraves a exportação, a existência do chamado “fogo amigo”, que são os problemas internos, a exemplo da deficiência logística, a quantidade insuficiente de fiscais para liberação das cargas nos portos e aeroportos, a burocracia, e a política cambial, como entraves a exportação. Estes problemas, em muitas situações, podem ser mais restritivos do que as próprias barreiras impostas pelos países de destino.

Não há dúvida que, em curto espaço de tempo, o agronegócio frutícola brasileiro se tornará uma atividade eminentemente exportadora. Para isso, o setor necessita de um sistema de coordenação de mercado e de políticas públicas que possibilitem a constituição de uma cadeia produtiva organizada e eficiente. Isso só será possível através da construção de parcerias sólidas entre o setor público e a iniciativa privada. Essa sinergia permitirá a melhoria da infraestrutura para produção e processamento, além de mecanismos de comercialização e promoção eficazes, que tornem o setor capaz de acessar e atender as exigências dos mercados.

É certo que as barreiras às exportações brasileiras de frutas frescas ficarão cada vez mais complexas, sendo seu enfrentamento essencial para o desenvolvimento e expansão da atividade exportadora. A cada novo mercado que se conquista, surgem novas barreiras e, dentro desse contexto, a colaboração entre as associações setoriais e o governo brasileiro se tornará cada vez mais necessária para o enfrentamento dessas barreiras e a manutenção dos mercados para as exportações do país. 